



INTRODUZINDO O RÚGBI NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DO PIBID- EDUCAÇÃO FÍSICA EM MUZAMBINHO (MG)

Mateus Camargo Pereira¹
Rafael Bernardes Perri Neves
Rafael Castro Kocian²
IFSULDEMINAS – Muzambinho (MG)
rafaelperri@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de experienciar possibilidades de intervenção com o conteúdo rúgbi nas aulas de Educação Física junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – campus Muzambinho. Buscamos introduzir a prática do rúgbi, elaborando formas de diversificar o conteúdo das aulas para ampliar a cultura corporal e contato com novas culturas, assim como tornar a aula inclusiva, favorecendo a participação de todos e todas, independente do gênero e habilidades motoras. Inicialmente constatamos uma rejeição por parte dos alunos, acostumados com a prática dos esportes coletivos de quadra mais comuns (futebol de salão, vôlei, basquete e handebol), seguida de uma mudança de comportamento com o desenvolvimento do plano de ensino, demonstrando curiosidade e interesse pelo tema proposto. A utilização do rúgbi mostrou-se válida quanto à preocupação em diversificar e promover a inclusão nas aulas. Foi possível ainda estabelecer relações com algumas capacidades tidas como objetivos do ensino fundamental presentes nos PCNs (1998).

Palavras-chave: Rúgbi. Diversidade. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante de um conjunto de práticas de intervenção com conteúdos variados, tendo como referência os conceitos de diversidade e inclusão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) ocorridos no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto Educação Física. O trabalho envolveu para sua consecução, discentes e docentes do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas

¹ Professor do IFSULDEMINAS- campus Muzambinho (MG). Coordenador do PIBID-subprojeto Educação Física.

² Professor do IFSULDEMINAS- campus Muzambinho (MG). Coordenador do PIBID-subprojeto Educação Física.





Gerais – Campus Muzambinho, e professores de Educação Física supervisores, das Escolas Estaduais Cesário Coimbra e Salatiel de Almeida, de Muzambinho-MG.

O presente projeto teve por objetivo, relatar experiências e possibilidades de intervenção com o conteúdo rúgbi nas aulas de Educação Física junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID).

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando observamos e refletimos sobre as aulas de Educação Física em nossas escolas, em geral, nos deparamos com alguns fatores, como: o número reduzido de temáticas que compõem o plano de aula dos professores, muitas vezes resumindo-se a prática dos esportes coletivos de quadra mais populares (futebol de salão, vôlei, basquete e handebol) e a pouca participação de estudantes nessas práticas. Diante disso, os PCNs (1998) apresentam alguns princípios que deveriam nortear a ação docente, com vistas a combater essa realidade: o princípio da diversidade, que tem como objetivo ampliar o contato dos alunos com um maior número de conteúdos que fazem parte da cultura corporal de movimento, entendidas como o direito dos estudantes de se apropriarem das práticas historicamente construídas pela humanidade; E o princípio da inclusão, baseado na ideia que todos têm direito aos conteúdos da cultura corporal de movimento, devendo o professor estabelecer estratégias inclusivas.

277

É comum observarmos nas aulas de Educação Física a exclusão por parte dos próprios alunos, amplificada pela ideia de que essa disciplina seria um espaço dos aptos em alguma modalidade esportiva em detrimento da participação dos inaptos. Motivam a exclusão o estereótipo de gênero associado aos conteúdos, reduzindo práticas com maior contato aos meninos e práticas cuja maior exigência vincula-se à leveza e flexibilidade às meninas.

Para estudar possibilidades de intervenção que fossem ao encontro do princípio da diversidade e da inclusão foram definidas algumas temáticas a serem trabalhadas, dentre elas, o rúgbi, após 2 meses de observação do cotidiano da Educação Física nas escolas. Como citado nos PCNs (1998), deve-se respeitar a cultura regional na qual os alunos fazem parte, assim como suas características. Como o rúgbi possui uma ligação estreita com o futebol em sua história, decidimos respeitar uma ordem cronológica, como se inventássemos o esporte novamente, desde o início, até sua chegada ao Brasil e, por fim, suas práticas atuais. Para tal foi necessário estudar a história dos rúgbi no mundo e no Brasil, para o qual nos referenciamos no trabalho de Cenamo (2010).

Segundo o autor citado anteriormente, existem algumas práticas com bola que podem ter relação histórica com o rúgbi, sendo o mais antigo deles o





“Harpaston” , praticado na Grécia antiga, era um jogo cujo objetivo era transportar uma bola feita de couro de animais para um espaço delimitado. Este jogo já era praticado em um espaço retangular, como o rúgbi contemporâneo.

Um pouco mais a frente no tempo, em meados do século X temos a “Soule”, de origem francesa, realizada como forma de disputa entre dois povoados. Seu objetivo era levar uma bola feita de vesícula de porco inflada e amarrada para dentro do seu povoado. Porém, a história mais contada entre os praticantes do esporte de acordo com Cenamo (2010), é a da invenção do rúgbi a partir do futebol. Na cidade de Rugby, em uma universidade com o mesmo nome, Willian Webb Ellis, tido como o “pai” do esporte, entediado com o jogo de futebol que acontecia no campo da universidade, teria pego a bola do jogo nas mão e saído correndo pelo campo, sendo perseguido e derrubado pelos demais alunos.

Por julgar este fato algo emocionante, Webb Ellis teria inventado o rúgbi no ano de 1823, difundido-o a partir de então. O rúgbi chegou ao Brasil por intermédio das mesmas pessoas que trouxeram o futebol para o país, os operários ingleses, que migraram para o país logo após a revolução industrial e praticavam os esportes originários da Inglaterra em seus horários de folga. Durante todo o período de prática do rúgbi foram criadas novas regras para o jogo, que se tornou cada vez mais profissional, seguindo tendência parecidas com os esportes no geral (CENAMO, 2010)

278

Uma característica do jogo facilmente observada é a presença de muitas jogadas de contato físico , que faz com que haja certo espanto por quem aprecia pela primeira vez uma partida, e até mesmo por parte dos professores, sendo assim, esse pode ser um dos fatores que afastam o rúgbi do meio escolar. Esta violência foi tratada com cuidado nos momentos de elaboração e aplicação do plano de aulas.

Martins (2011) diz que são raras as vezes em que o rúgbi é abordado nas aulas de Educação Física. Segundo o autor, a prática recorrente objetiva o alto rendimento ou a recreação. A necessidade de tratá-lo como conhecimento reforça a necessidade de um plano de aulas feito com cuidado, buscando algo além da simples prática, mas sua compreensão como um fenômeno cultural que envolve valores, conhecimentos diversos e organização.

METODOLOGIA

A pesquisa que se segue é um relato de experiência realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto de Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – campus Muzambinho. A intervenção ocorreu na Escola Estadual Salatiel de Almeida. Orientou-se para parâmetros qualitativos, os quais, segundo Godoy (1995, p.58):



08 a 10 de maio de 2013

Auditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFT0) - UFMG

ISBN: 978-85-61537-17-3

proefe

Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão
em Educação Física Escolar



(...) não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

O presente trabalho foi dividido em três momentos:

A primeira etapa se deu a partir de observações das aulas de educação física da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, localizada no município de Muzambinho – MG, com as turmas do sexto ano “A” e sexto ano “B”. Para auxiliar o diagnóstico, foi realizada junto às observações a aplicação de um questionário aos alunos, onde foram avaliados aspectos como o interesse pelas aulas de Educação Física e a motivação nas mesmas, motivos da não participação nas aulas quando existirem e interesse por algumas novas práticas pouco comuns no meio escolar em nossa região, sendo as perguntas presentes no questionário definidas em reunião.

O segundo momento foi de revisão bibliográfica, no intuito de analisar os conceitos de diversidade e inclusão presentes nos PCNs relacionados à educação física, a história do rúgbi no mundo e no Brasil e as possibilidades de ensino do rúgbi no meio escolar.

Por fim, na terceira etapa, foi elaborada e aplicada uma sequência de 10 aulas a uma população que constituiu-se de 68 alunos com idade entre 12 e 14 anos, distribuídos em duas turmas (6º ano A e 6º ano B), da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida. A aplicação das aulas foi desenvolvida durante o período de um mês e duas semanas, com duas aulas semanais de 50 minutos. Neste processo utilizou-se como instrumento diagnóstico uma avaliação aberta, onde os alunos recorreram de forma livre sobre as aulas ministradas e ainda manifestaram suas percepções por meio de um desenho que foi analisado buscando identificar os níveis de entendimento dos alunos. Para avaliar a participação dos alunos durante as aulas foi realizada uma filmagem que contribuiu fornecendo informações quanto à inclusão, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) busca reverter o quadro de aptos e inaptos, incluindo todos em uma mesma aula.

Para análise dos dados procurou-se identificar o conhecimento adquirido pelos alunos sobre o rúgbi e suas possibilidades de prática, assim como a aceitação do mesmo pelos alunos. Além disso, de forma prioritária, foram avaliados outros aspectos relacionados à inclusão, ou seja, se algum aluno sentiu dificuldade na prática ou em algum momento sofreu violência por parte dos demais alunos, sentindo-se excluído ou envergonhado por não saber





jogar e/ou teve medo de praticar este novo conteúdo e o porque destas questões.

Os materiais utilizados durante as aulas foram: bolas de futebol, bolas de vôlei, um pedaço de corda de varal e uma bola velha de futebol para confecção das bolas com material reciclável.

RESULTADOS

Durante as observações das aulas de Educação Física dos sextos anos “A” e “B” da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida foi constatado que por vezes as aulas eram divididas em dois momentos de igual duração. Em um momento a quadra era utilizada pelos meninos, que jogavam futebol de salão e em outro momento pelas meninas que jogavam handebol. Pouquíssimas exceções foram observadas, sejam meninos jogando handebol ou meninas jogando futebol de salão, mas sempre mantendo a prática de esportes coletivos tradicionais. A partir disso, surge a necessidade de se estudar formas de ministrar aulas inclusivas, que possibilitassem e motivassem a participação de todos os alunos, minimizando a separação entre aptos e inaptos e as diferenças entre os gêneros e as práticas corporais.

Após análise dos resultados e estudos dos casos observados, foram definidas as temáticas que seriam trabalhadas e avaliadas, dentre elas, o rúgbi, apresentado neste trabalho.

280

As aulas foram elaboradas com atividades lúdicas, que não priorizavam a técnica em momento algum, mas sim o entendimento do processo pela qual o aluno estava passando, compreensão da história do rúgbi, sua inserção e relação com a cultura brasileira e características básicas necessárias do jogo. As atividades foram cuidadosamente definidas visando a participação de todos simultaneamente, sendo as mesmas sempre mistas. Durante a terceira e décima aulas, os alunos participaram efetivamente da construção das atividades das aulas, na terceira criando o rúgbi de acordo com teoria de Willian Webb Ellis, e na décima criando um jogo de rúgbi inédito, onde o professor teve o papel de mediar as decisões tomadas pelos alunos.

Inicialmente, houve desconforto por parte dos alunos com o novo esporte, por vezes no decorrer das aulas houve pedidos para que fosse realizado o futebol de salão de maneira livre como eram acostumados a fazer durante as aulas. A manutenção do rúgbi fez com que alguns alunos não participassem da segunda e terceira aula. Como estratégia para incentivar os alunos a participarem de um conteúdo diferente, optamos por utilizar o futebol de salão após a prática do rúgbi, dizendo aos alunos que se participassem das atividades propostas poderiam jogar futsal durante algum tempo no final das aulas. Entretanto, este combinado não precisou ser cumprido, pois durante as atividades novas (de rúgbi), os alunos se divertiram, esquecendo o futsal e participando cada vez mais ativamente das aulas, questionando, buscando





aprender e ensinar os demais colegas, diminuindo o número de alunos que não participavam das aulas até que ninguém mais ficou de fora. Isso foi observado a partir da quinta aula.

Por buscarmos retirar a violência do jogo, utilizamos somente o “rugby touch”, modalidade onde a queda é substituída pelo toque simultâneo das duas mãos, e o “rugby tag”, onde a queda é substituída pela retirada de fitas presas no calção dos alunos. Tivemos a participação de todos, meninos e meninas jogando juntos e se enfrentando. Por ser um esporte desconhecido para todos não houve seleção entre aptos e inaptos, todos estavam aprendendo e ninguém era visto como “melhor que os demais”. Nas avaliações abertas não foi relatado nenhum momento em que se sentiram envergonhados, ou incomodados pelos demais colegas.

Os alunos demonstraram de forma geral, compreender o jogo, regras básicas e como jogar. Não houve nenhum interesse pelo rúgbi de alto rendimento, pois tratamos de priorizar a vivência compartilhada em detrimento da ênfase na vitória.

Com relação aos objetivos relacionados à inclusão e diversidade, que segundo os PCNs (1998) são formas de minimizar a seleção por aptos e inaptos incluindo todos em uma mesma atividade ou aula e trabalhar com conteúdos diferentes durante o período, respectivamente, foi possível observar nos alunos, comportamentos, falas ou demonstrações que levassem a relação com o esperado de um aluno do ensino fundamental, no que diz respeito a suas capacidades, definidas nos PCNs, tais como, ter conhecimento e dar valor a diferenças culturais presentes nos demais países do mundo, inclusive o próprio; posicionar-se contra diferenças sexuais e demais características sociais e individuais.

Ainda que esta experiência tenha se dado de forma muito positiva, faz-se necessário outros trabalhos relacionados ao rúgbi escolar, ampliando as possibilidades de ensino dessa modalidade esportiva.

CONCLUSÕES

Ao término deste trabalho podemos concluir que o rúgbi se mostrou uma alternativa válida para ser trabalhada nas aulas de educação física escolar, com a possibilidade de minimizar a violência instrumental contida no jogo, buscando diversificar o conteúdo e incluir todos em uma mesma aula, minimizando a seleção por aptos e inaptos, atingindo os objetivos propostos pelos PCNs (1998) relacionados à diversidade e inclusão nas aulas. As aulas geraram interesse nos alunos, que se mostraram curiosos, porém, inicialmente houve uma baixa aceitação e até mesmo medo do tema, fator preocupante quando pensamos na ampliação da cultura corporal de movimento dos alunos.

Observamos ainda, a contribuição do rúgbi no que diz respeito às capacidades esperadas de um aluno do ensino fundamental, relacionadas a





VI REUNIÃO DO PROEFE

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PARA QUE E PARA QUEM?



diferenças entre sexos, diferenças culturais e cultura corporal de movimento. Apesar disso, podemos concluir que a persistência na aplicação da proposta possibilitou vencermos as resistências, animando-nos para continuar as ações em direção a uma educação física mais inclusiva e significativa para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, Educação Física**. Brasil, 1998.

CENAMO, G.C. **História do rugby**. Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2010.

GODOY, A.S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de administração de empresas, São Paulo, v.35, p.57-63, 1995.

MARTINS, F.B. **Apresentando o rugby como um conteúdo específico da Educação Física na escola**. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.



08 a 10 de maio de 2013

Auditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFT0) - UFMG

ISBN: 978-85-61537-17-3

proefe

Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão
em Educação Física Escolar